



GRANDE CONSELHO DE MESTRES REAIS E ESCOLHIDOS DE PORTUGAL

A ORDEM DE CRISTO E O LEGADO ESPIRITUAL DOS MAÇONS CRÍPTICOS

Conselho N.º 15 - Ordem de Cristo

Templo da Mealhada

9 de Maio de 2026

Ilustre Mestre, Muito ilustres Grandes Oficiais, Ilustres antigos Mestres
Companheiros do Conselho da Ordem de Cristo

Ao reunirmo-nos sob a abóbada simbólica do nosso Conselho Críptico “Ordem de Cristo”, evocamos não apenas uma designação histórica, mas uma herança espiritual profundamente ligada à identidade de Portugal, à defesa da Cristandade e à busca da Luz interior.

A história da Ordem de Cristo representa uma das mais extraordinárias continuidades da civilização portuguesa. Quando, no início do século XIV, a antiga Ordem dos Templários foi perseguida e dissolvida, o nosso Rei D. Dinis revelou uma visão política e espiritual notável.

Com prudência diplomática e grande inteligência de Estado, evitou a perseguição dos Templários portugueses e, em 1319, obteve da Santa Sé a criação da nova Ordem de Cristo, destinada a suceder à antiga Ordem do Templo em Portugal.

Assim, os castelos, fortalezas, comendas, terras e tradições espirituais dos Templários passaram para a nova Ordem. Não se tratou apenas de uma sucessão patrimonial: foi também a continuidade de uma missão.

Após a primeira sede em Castro Marim, o Castelo de Tomar tornou-se centro espiritual e administrativo da Ordem de Cristo. Ali permaneceu viva uma tradição de disciplina, silêncio, iniciação interior, fidelidade e serviço – valores que os Maçons Crípticos reconhecem como profundamente próximos da sua própria via simbólica.

Mais tarde, a Ordem de Cristo conheceria um novo esplendor sob a autoridade do Infante D. Henrique, o Navegador, que foi Governador e Administrador da Ordem.



E foi precisamente sob a cruz vermelha nas velas brancas da Ordem de Cristo que começaram os grandes Descobrimentos Portugueses.

As velas das caravelas e Naus portuguesas, marcadas pela cruz da Ordem, levaram Portugal para além do horizonte conhecido. A Ordem de Cristo transformou-se, então, numa força espiritual da expansão portuguesa, unindo fé, ciência náutica, coragem e ideal civilizacional.

Não podemos esquecer os grandes homens ligados à Ordem de Cristo e ao ciclo dos Descobrimentos: Vasco da Gama, Pedro Álvares Cabral, Bartolomeu Dias, Diogo Cão, Gil

Eanes e tantos outros navegadores, cosmógrafos e cavaleiros.

Todos eles transportavam consigo não apenas instrumentos náuticos, mas uma visão do Homem e do Mundo.

A Ordem de Cristo representava disciplina interior, coragem perante o desconhecido, fidelidade à palavra dada, espírito de missão e transcendência espiritual.

Ora, não são esses também os valores da Maçonaria Críptica?

O Maçom Críptico trabalha simbolicamente no segredo do Templo interior. A sua busca não é a conquista material, mas a descoberta da Palavra Perdida, da Verdade escondida sob as pedras do tempo e do silêncio.

Tal como os antigos cavaleiros da Ordem de Cristo, também nós somos chamados à fidelidade, à perseverança, à meditação, ao aperfeiçoamento moral, ao domínio das paixões e ao serviço de algo superior ao simples interesse pessoal.

Os navegadores portugueses partiram em busca de novos mundos exteriores. O Maçom Críptico parte em demanda do seu próprio mundo interior.

Ambos enfrentam tempestades. Ambos necessitam de disciplina e de fé. Ambos sabem que não existe verdadeira iniciação sem sacrifício.

A cruz da Ordem de Cristo, colocada nas velas das caravelas, pode igualmente ser entendida como símbolo da Luz que guia o homem através das trevas da ignorância.

Também o Críptico trabalha na obscuridade aparente da Cripta para encontrar a centelha divina da Verdade.



Portugal não foi grande apenas pela espada ou pelo comércio. Foi grande porque, durante séculos, acreditou possuir uma missão espiritual e civilizacional.

A Ordem de Cristo encarnou esse ideal.

E os Maçons Crípticos, especialmente os Portugueses, herdeiros do simbolismo do Templo, da tradição iniciática, dos segredos e da construção interior, podem encontrar nessa Ordem uma inspiração elevada para o seu próprio caminho.

“Per crucem ad lucem.”

(Pela cruz, até à luz.)

“Non nobis, Domine, non nobis, sed Nomini Tuo da gloriam.”

(Não para nós, Senhor, não para nós, mas para glória do Vosso Nome.)

Fiel e sinceramente na Fé.

A Oriente da Mealhada, no dia 9 do mês de maio do A.D. de 3026

Joaquim Cardoso Martins

(GM do GCMREP)